

## POLÍTICAS AFIRMATIVAS E LITERATURA JUVENIL: REFLEXÕES ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA<sup>1</sup>

AFFIRMATIVE POLICIES AND JUVENILE LITERATURE:  
REFLECTIONS ON THE REPRESENTATIONS OF CHILDHOOD

POLITICAS AFIRMATIVAS Y LITERATURA JUVENIL: REFLEXIONES  
ACERCA DE LA REPRESENTACIÓN DE LA INFANCIA

*Eliane Aparecida Galvão Ribeiro FERREIRA\**

**Resumo:** Este texto tem por objetivo refletir acerca da formação do jovem leitor no âmbito das políticas afirmativas. Para tanto, busca-se, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção, apresentar uma análise comparativa entre os livros “Meu pé de laranja lima” (2013), do brasileiro José Mauro de Vasconcelos, e “Comandante Hussi” (2006), do cabo-verdiano Jorge Araújo (1959-). Para a consecução desse objetivo, constrói-se a hipótese de que as duas obras possuem potencialidades emancipatórias para seu leitor, que ampliam seus horizontes de expectativa. Justifica-se esta reflexão, pois essas narrativas apresentam uma estrutura de apelo cativante, que explora ternura, sofrimento e elementos alegóricos na representação do imaginário de seus protagonistas.

**Palavras-chave:** Políticas afirmativas; estética da recepção; formação do leitor.

**Abstract:** This text aims to reflect on the formation of the young reader in the context of affirmative policies. For this, we will present a comparative analysis of the books “Meu pé da laranja lima” (2013), written by the Brazilian author José Mauro de Vasconcelos, and “Commander Hussi” (2006), by the Capeverdian author Jorge Araújo (1959-) using theories from the Reception Aesthetics. To achieve this goal, we built the hypothesis that both books have an emancipatory potential for their readers through the representations of childhood, expanding their horizons of expectation. This

---

<sup>1</sup> O presente texto resulta de adaptações nos textos “Literatura brasileira e africana em diálogo: reflexões acerca da representação da infância nas obras ‘Meu pé de laranja lima’, de José Mauro de Vasconcelos, e ‘Comandante Hussi’, de Jorge Araújo”, apresentado no XIV Congresso Internacional da ABRALIC, e, “Formação do leitor e diversidade na literatura infantil e juvenil”, publicado em Portal da Universidade. Disponível em: <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/formacao-do-leitor-e-diversidade-na-literatura-infantil-e-juvenil>>.

\* Professora Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista – UNESP, câmpus de Assis. Membro dos Grupos de Pesquisa “Leitura e Literatura na Escola” (UNESP) e “Discursos sobre Trabalho, Tecnologia e Identidade” (UTFPR). Contato: [elianegalvao13@gmail.com](mailto:elianegalvao13@gmail.com).

paper justifies itself because these books present an appealing structure that explores tenderness, pain, and allegorical elements in the representation of the imaginary its protagonists.

**Keywords:** Affirmative policies; Reception Aesthetics; reader formation.

**Resumen:** Este texto tiene por objetivo reflexionar acerca de la formación del joven lector en el eje de las políticas afirmativas. Por lo tanto, se busca, desde los presupuestos de la Estética de la Recepción, presentar una análisis comparativa entre los libros “Meu pé da laranja lima” (2013), del brasileiro José Mauro de Vasconcelos, y “Commander Hussi” (2006), del caboverdiano Jorge Araújo (1959-). Para el logro del objetivo propuesto, se construye la hipótesis de que las dos obras tienen potencialidades emancipatorias a su lector, que amplían sus horizontes de expectativa. El reflexionar respecto a su análisis, se justifica, puesto que estas narrativas presentan una apelación cautivante, donde se explora ternura, sufrimiento y elementos alegóricos en la representación de lo imaginario de sus protagonistas.

**Palabras clave:** Políticas afirmativas; estética de la recepción; formación del lector.

## Introdução

Tratar da formação do leitor requer reflexões acerca da cultura e da produção literária destinada ao público infantil e juvenil. Em especial, refletir acerca da emancipação do sujeito, por meio do texto literário, justifica-se para o mediador que anseia democratizar a cultura e, por meio dela, assegurar sua diversidade. Para tanto, faz-se necessário apresentar aos jovens histórias de diferentes povos.

A literatura africana, bem como a temática da cultura afro-brasileira, tão significativas na reflexão sobre a formação de nossa sociedade, ainda, são pouco exploradas no ambiente escolar. O estudo das narrativas infantis e juvenis que tematizam a questão étnico-racial, embora venha sendo desenvolvido por pesquisadores das áreas de Letras e Educação, desde o *boom* dessa produção nos anos 1970, e seja ampliado, no final da década de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que focalizam a pluralidade cultural, assume relevo, em nove de janeiro de 2003, no âmbito das políticas afirmativas, com o decreto pelo Congresso Nacional da Lei nº 10.639<sup>2</sup>. Esta Lei altera a 9.394/1996, a qual estabelece as diretrizes e bases da

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2015.

educação nacional, com o fito de incluir, a obrigatoriedade do ensino sobre história e cultura afro-brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Conforme parágrafo primeiro de seu artigo 26-A, o conteúdo programático deve contemplar o estudo da história da África e dos africanos, bem como a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, com a finalidade de resgatar a contribuição do povo negro nas diferentes áreas pertinentes à história do Brasil: social, econômica e política. De acordo com seu parágrafo segundo, esses conteúdos devem ser ministrados no currículo escolar, sobretudo, nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras. Em 10 de março de 2008, a Lei 11.645<sup>3</sup> altera a 10.639, regulamentando a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, e indígena em todos os níveis de ensino.

O presente artigo, nessa perspectiva e centrado em estudos sobre a formação do jovem leitor, pela exploração do imaginário e da fantasia na produção cultural que a ele se destina, objetiva apresentar uma possibilidade de diálogo entre as obras “Meu pé de laranja lima” (2013), do brasileiro José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), e “Comandante Hussi” (2006), do cabo-verdiano Jorge Araújo (1959-). Para a consecução desse objetivo, constrói-se a hipótese de que as duas possuem, na representação da infância, potencialidades emancipatórias para seu leitor, que ampliam seus horizontes de expectativa. Justifica-se esta reflexão, pois essas narrativas apresentam uma estrutura de apelo cativante, que explora ternura, sofrimento e elementos alegóricos na representação do imaginário de seus protagonistas.

Adota-se, neste texto, para análise dos livros, a perspectiva comparatista de Massaud Moisés (2005), por meio da qual busca-se afinidades, pela aproximação entre personagens e temas. Desse modo, reflete-se acerca da dialogia que pode se estabelecer entre essas obras e da que se instaura em sua trama, além de como se configura a infância em seus enredos. Procura-se, ainda, analisá-las, conforme a Estética da Recepção, pela relação dialógica que estabelecem com o leitor implícito (ISER, 1999). A eleição pelo viés dialógico entre as obras

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2015.

justifica-se, pois acredita-se que sua explicitação permite ao leitor, conforme Eco (2003), obter prazer na leitura, pela percepção da citação intertextual no jogo ficcional.

O romance de cunho autobiográfico “Meu pé de laranja lima”, de Vasconcelos, foi editado em 1968. Seu autor inspirou-se para a construção das personagens em sua infância de menino pobre. De espírito inquieto, aos quinze anos abandonou a família para se aventurar pelo Brasil, inclusive em expedições ao lado dos irmãos Villas-Bôas. Em suas perambulações de norte a sul, exerceu diferentes funções e chegou a cursar Medicina, Direito, Desenho e Filosofia, obtendo uma bolsa de estudos para um curso na Universidade de Salamanca que, em três dias, abandonou, usando o dinheiro para viajar pela Europa. Ao dedicar-se à carreira de escritor, fixou-se em São Paulo (VASCONCELOS, 2013; COELHO, 1995). Vasconcelos possui vasta produção, nas linhas regionalista, autobiográfica e dramática, direcionada ao público adulto. Seu primeiro sucesso, contudo, surgiu com o romance “Rosinha, minha canoa”, publicada em 1962, e seu amplo reconhecimento veio com “Meu pé de laranja lima”, em 1968.

O sucesso editorial imediato de “Meu pé de laranja lima”, tanto junto ao público juvenil quanto ao adulto, justificou sua tradução para vários países, dando origem, na França, a uma coleção infantil com o nome de “Mon bel oranger” (FARIA, 1999). Em 1970, seu enredo foi adaptado para o cinema e para uma telenovela exibida pela TV Tupi. A essa adaptação televisiva, seguiram outras, em 1980 e 1998, pela TV Bandeirantes. Em 2003, a obra foi adaptada sob a forma de quadrinhos na Coreia do Sul (UNIVERSO LITERÁRIO, 2015). Sua adaptação mais recente para o cinema aconteceu em 2013, sob direção de Marcos Bernstein (ADORO CINEMA, 2015). Atualmente, as vendas do livro chegam a dois milhões de exemplares e já atingiram a América Latina, Europa, Japão, Coreia, China, Turquia e Tailândia (FOLHA UOL, 2015). Pela editora Melhoramentos, em janeiro de 2013, a obra encontrava-se na 19ª impressão de sua terceira edição, o que demonstra sua contemporaneidade.

“Comandante Hussi”, de Araújo, ilustrado por Pereira, foi editado em 2003, ano em que venceu o Grande Prêmio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens. No Brasil, foi publicado pela Editora 34, em 2006. Neste ano, compôs o acervo destinado às séries finais do Ensino Fundamental do Programa Nacional Biblioteca na Escola –

PNBE e, em 2013, novamente, para o mesmo público juvenil. Seu enredo foi inspirado em uma história real. Conforme a primeira orelha da obra (2006), Hussi, nasceu em Guiné-Bissau, tem 12 anos, pertence a uma família desprestigiada e tem três irmãos. Araújo o conheceu em 1999, ao cobrir o golpe de Estado que ocorrera recentemente naquele país. No enredo, a idade de Hussi não é mencionada, mas, por causa da guerra, o herói precisa afastar-se de sua família e, em especial, de sua mágica bicicleta.

Jorge Araújo nasceu na cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde, em 1959. cursou Comunicação e Teatro na Universidade católica de Louvain, na Bélgica. Deu início à sua carreira como jornalista na televisão, em Cabo Verde, e exerceu por curto período carreira diplomática. Em Portugal, tornou-se repórter em vários jornais e TV. Atualmente, exerce a profissão de editor do “Actual”, caderno do semanário Expresso (Disponível em: <<https://www.wook.pt/authors/detail/id/14092>>, 2015). De acordo com os dados biográficos no final de seu livro (2006, p. 122): “[...] foi um dos quatro jornalistas portugueses que permaneceram no Timor-Leste depois da onda de violência que atingiu o país em 1999.” Neste ano, aliás, recebeu o Grande Prêmio Gazeta do Clube de Jornalistas e, em 2003, o prêmio AMI “Jornalismo Contra a Indiferença”. Publicou vários livros, mas se notabilizou, em 2010, com “Benja-mim”. Como se pode notar, tanto Vasconcelos quanto Araújo possuem biografias cativantes para o público jovem, que os vê como aventureiros e destemidos.

Para nortear o diálogo entre os dois livros, pretende-se apresentá-los para, em seguida, analisá-los, tendo em vista que se aproxima pela temática da violência social, do contato com a morte na infância e pelo viés da fantasia, do recurso ao fantástico, ao auxiliar mágico. Em ambos, seus protagonistas, ao enfrentarem a dura realidade exterior, realizam uma viagem ambígua, definida por Teresa Colomer (2003, p. 254), como a que conduz a cenários situados entre a realidade e a ficção, como forma de reivindicação da magia e da natureza perdida.

## **Entre Brasil e África: a concepção de infância**

Os protagonistas Zezé e Hussi são inteligentes, dinâmicos, alegres e dotados de poder imaginativo, o que lhes faculta dialogar com personagens fantásticas, respectivamente, com um frágil pé de laranja lima e uma velha e precária bicicleta. Além disso, eles as tomam como amigos leais e confidentes, como meios de transporte para cenários agradáveis e distantes dos quais vivem na civilização contemporânea, pautada pelo capital, pela divisão desumana em classes sociais, pela guerra. Vale destacar que essas personagens, embora sejam uma árvore frutífera e uma bicicleta, são tratadas pelos heróis com nomes masculinos, enfatizando seu perfil de companheiro de jornada. Justamente, os dois livros apresentam uma aventura que trata sobretudo do amadurecimento pessoal e da definição identitária.

Para Colomer (2003), a fantasia na obra contemporânea é instrumento que funciona tanto para resolver conflitos psicológicos dos personagens, quanto para denúncia social. Desse modo, essa produção prevê um leitor implícito que, na medida de suas forças, quer encontrar nos livros temas que abordem seu entorno social e, por isto, permitam-lhe refletir sobre as diferentes formas de vida. Além disso, segundo a estudiosa (2003), há uma ideia de leitor mais ativo no estabelecimento de cumplicidade com o autor, o que justifica a alusão a referências culturais compartilhadas e a adoção de formas de distanciamento, como a presença de lacunas e de significados ambíguos nas viagens dos heróis em seus instrumentos mágicos. Justamente, a perda, a dor, a fome e a solidão recebem, na obra de Vasconcelos e Araújo, tratamento estético que permite ao leitor refletir sobre a oposição entre real e fantasia, desqualificando o primeiro e, por isto, desejando um mundo mais humano, que o fantástico oferta pela leitura.

Em “Meu pé de laranja lima” (2013), o leitor acompanha as peripécias do travesso e franzino protagonista na passagem de seus cinco para seis anos, e na companhia de sua amargurada família, residente no litoral paulista, composta por pai, mãe e cinco irmãos: Lalá, a mais velha; seguida por Jandira; Glória, de 15 anos; Totoca, de nove, e o pequeno Luís. Nem todas as idades são descritas, mas pode-se imaginá-las pela sequência dos eventos narrativos. Em um contexto de miserabilidade e ausência de bens fundamentais, o que avulta é o

desamparo da criança, a violência com que é castigada pelos adultos e irmãos mais velhos, bem como a falta de proteção e afeto.

“Comandante Hussi” (2006) situa as peripécias das personagens no mesmo contexto de privação de bens fundamentais, em Porto dos Batuquinhos, em Guiné-Bissau. Contudo, o jovem e, também, franzino protagonista é feliz como membro da família Sissé, composta por um pai herói, Abdelei, pela mãe coruja, dona Geca, e pelos irmãos mais novos, Totonito, Tuasab e Doskas, mesmo que a única mobília da sua casa seja “[...] um calendário de Nossa Senhora de Fátima que a madrinha de Hussi ofereceu à mãe no dia do seu nascimento”, pois, conforme o narrador, “[...] a felicidade também se faz de pequenas coisas” (2006, p. 21). Para sua alegria, Hussi possui um tesouro valioso: uma bicicleta, único presente que recebeu do pai, “[...] pintada de lama, pedais amputados, selim desengonçado, os raios das rodas a contorcerem-se de dor. Uma bicicleta a cair aos pedaços, mas que ainda estava boa para as curvas. E, sobretudo, era a sua bicicleta” (2006, p. 19). Além disso, possui três grandes amigos, Bitunga, órfão e cheio de vigor; Tetse, com pouca paciência; e Batcha, pacato e cauteloso, que com ele dividem a paixão pelo futebol.

Logo no início da narrativa de Vasconcelos (2013), sabe-se que o pai está desempregado há mais de seis meses, a energia elétrica fora cortada, o aluguel atrasado e, por isso, a família precisa se mudar para outra casa. Além disso, mãe e filha mais velha deverão trabalhar na fábrica. Essa mãe é descrita por Zezé como triste e exausta, marcada pela pobreza e pelo trabalho desde os seis anos de idade. Como ela necessita ausentar-se, relega aos filhos maiores o cuidado dos menores. Essa mulher, também, castiga Zezé quando este comete travessuras, mas o faz com sentimento de pesar. Esse, aliás, é o único sentimento que manifesta em relação a esse filho. Essa mãe frágil e desencantada pede a Zezé para crescer logo.

A narrativa de Araújo (2006, p. 27) inicia-se com o desejo do povo por mudanças políticas. Para tanto, convencem o brigadeiro Raio de Sol, cuja descrição cômica reflete que o narrador adere à visão da criança sobre o adulto – “[...] mais alto do que uma girafa, mais magro que um antílope” – a retomar as armas e enfrentar o tirano comandante Trovão, descrito como seu antípoda, de forma cômica e caricatural:

[...] era uma personagem gorda, tão pesada que o chão tremia com as suas passadas de elefante. O seu rosto era uma cascata em alvoroço tanto o suor que lhe escorria pela testa, [...]. Tinha o olhar de *pit Bull* anestesiado, dentes pontiagudos, desalinhados, a pele mais gordurosa do que o *óleo de palma* (ARAÚJO, 2006, p. 63, grifos do autor).

Com esse efeito de humor e o acréscimo da informação de que a discórdia entre Raio de Sol e Trovão é antiga, pois proveniente do amor pela mesma mulher – a bela Ayassa –, Araújo instaura a contenção do drama. Contudo, não deixa de descrever que as razões para a guerra se resumem na falta de emprego para os homens, no desgosto das mulheres e na miserabilidade da qual resultam crianças subnutridas, com ventres abaulados, o que confere título à contenda: Guerra do Balão. O brigadeiro é antes de tudo um humanista, vive em Porto dos Batuquinhos, em meio a livros, legumes e verduras de sua horta. Em sua estante, estão lado a lado a obra de Stálin e a biografia de Gandhi, com o fito de que “[...] o ditador fosse forçado a aprender a arte da tolerância” (2006, p. 27). Raio de Sol fora correspondido por Ayassa, morta cruelmente pelo ditador rejeitado que, dialogando com o conto de fadas “Branca de Neve”, dos Irmãos Grimm, manda que retirem seu coração e o cozinhem por sete dias em salmoura, a fim de salgar suas lembranças. De sua bela amada, o brigadeiro guarda dentro de um livro de poemas de amor: “[...] o cheiro [...]” (2006, p. 97), o qual respira ao voltar para casa no fim da guerra. Local, em que troca as honras de chefe de Estado pela estante e solidão da horta, declarando que nenhuma guerra vale a pena.

A mãe de Zezé difere da “mãe coruja” de Hussi que, mesmo diante da guerra, ao empreender uma jornada com os filhos à aldeia dos ancestrais, passando por inúmeras provações, deseja preservar a infância dos filhos. Para tanto, coloca os menores debaixo de sua saia colorida, a fim de evitar o choque, pela visão de sangue e cadáveres em decomposição de muita gente: “[...] devorada pela fome e pelo desespero” (2006, p. 44). Para Hussi, a jornada, contudo, leva-o a aprender “[...] que o luto carrega-se pelos dias, que os vivos também morrem” (2006, p. 43). Nesse cenário de guerra, o pai de Hussi, é o herói. Em tempos de paz, trabalha como restaurador de livros, mas nos de guerra, é um dos muitos antigos combatentes pela liberdade da pátria, atirador de metralhadora, que se junta “[...] ao brigadeiro Raio

de Sol na cruzada contra o homem que governava o país com mãos de ferro” (2006, p. 47). Esse pai, ao sair para guerrear, elege Hussi, “[...] com as palavras vestidas de pólvora [...]”, o “homem da casa”. E quando a mãe protesta que o filho ainda é uma criança, ele responde: “– Numa guerra não há crianças” (2006, p. 35).

A guerra para Hussi não era, como para sua mãe, o fim do mundo, nem o princípio, como acreditava seu pai, era “[...] o dia em que foi obrigado a deixar para trás a sua bicicleta” (2006, p. 42) – suas brincadeiras de menino, enfim, sua infância. Nota-se, então, que o jovem Hussi, diante do olhar do pai possui potencialidades. Contudo, como é um menino, afirma para a mãe que precisa esconder a bicicleta, pois vão matá-la. Ela lhe diz que bicicleta não é gente, não morre, mas o menino alega que a dele é diferente. A mãe permite-lhe dois minutos para escondê-la. Hussi cava depressa, escondendo-a quando o buraco atingiu a “maioridade” (2006, p. 39), para que não seja morta ou estripada. Justamente nesta cena, quando ele a conforta dizendo que tudo ficará bem e deve ter juízo, a bicicleta fala com o herói, dizendo que sente medo, em especial, do escuro. Desse modo, ela atua com um *alter ego* de Hussi, expressando o que ele sufoca diante da realidade da guerra. Ao descobrir que a bicicleta fala, o herói guarda segredo, pois “[...] as pessoas crescidas não compreendem estas coisas, não acreditam que uma bicicleta também é gente, que uma bicicleta fala” (2006, p.40). Hussi é capaz de fornecer esperança a ela: “– Não tenhas medo, vai tudo correr bem” (2006, p. 40). Ele promete que virá buscá-la assim que acabar a guerra. Ela lhe pede que fure o dedo e faça um pacto, com isto tornam-se “[...] irmãos de sangue” (2006, p. 41).

Zezé, no cenário de privações em que vive, é visto como um problema, por isso precisa abandonar a infância e amadurecer. Para tanto, busca auxílio em suas próprias potencialidades imaginativas. Por meio do lúdico, do jogo e da fantasia, essa personagem busca simbolizar a realidade circundante e, por meio dela, tenta manter sua subjetividade, bem como preservar, pelo menos, para o irmão caçula, o deleite dos brinquedos de infância. Na descrição desses brinquedos, projetados no quintal da própria casa, nota-se, pelo uso dos diminutivos e da paronomásia, o carinho do memorialista com suas recordações de menino ingênuo, criativo e inteligente, capaz de refletir, inclusive, pelo viés metalinguístico:

Pegava a caixa de botão e enfiava todos eles num barbante (Tio Edmundo falava cordel). Eu pensei que **cordel** fosse cavalo. E ele explicou que era parecido, mas cavalo era **corcel**. Depois a gente amarrava uma ponta na cerca e a outra na ponta dos dedos de Luís. Subia todos os botões e soltava **devargazinho** um por um (2013, p. 24, grifos nossos).

Seu discurso cativa o leitor pelo humor, pela singeleza e delicadeza da cena. Por meio dela, nota-se que Zezé considera o irmão, pois sem a sua participação, o brinquedo não se concretiza. O protagonista, por meio do lúdico, fornece a Luís, justamente, aquilo de que mais sente falta: carinho e valorização. Também, pelo seu rico imaginário, comunica-se com seu “passarinho interno” – uma voz que lhe permite cantar para dentro, sem que ninguém perceba –, e com seu pequeno pé de laranja lima do quintal de sua casa, que, como a bicicleta de Hussi, um dia, descobre que sabe falar. Para seu companheiro de aventuras, Zezé faz confidências e relatos de seu cotidiano. A essa árvore amiga, muitas vezes metamorfoseada em alazão, Zezé atribui nomes como Minguinho e Xururuca que, marcados pelo diminutivo e pela base onomatopaica, evocam carinho e intimidade. Tanto o pé de laranja, quanto a bicicleta, em seu potencial mágico, verticalizam os heróis, levam-nos às alturas do mundo imaginário.

Hussi, por sua vez, desobedece à mãe e foge ao encontro do pai, assim ele e Zezé representam meninos autênticos, divididos entre atender as expectativas dos adultos ou as próprias. Concentram em si, então, duas facetas opostas: Zezé é bom aluno, irmão carinhoso e protetor do caçula, filho dedicado, que busca atenuar as privações da família com seu trabalho como engraxate, mas também um “diabinho”. Esta faceta de sua personalidade se impõe como forma de manifestação de sua revolta, pois é relegado à própria sorte pela família; além disso, dispõe de muito tempo livre e nenhum lazer. Entra em cena, então, sua criatividade e, por meio dela, realiza travessuras memoráveis, como cortar a corda do varal dos vizinhos, passar vela na calçada para as pessoas escorregarem, entre outras.

Hussi também vai à escola, mas a guerra a interrompeu. Suas paixões são o futebol, em que se destaca como goleador, e a bicicleta, símbolo de liberdade. Ele sonha, como muitos meninos da sua idade, em ser jogador de futebol, “[...] gosta de Luís Figo mas prefere ser

jogador do Barcelona” (2006, p. 103). Hussi ingressa na guerra, mesmo contra a vontade dos pais, tendo que se comportar como adulto, mas mantém-se criança pela ingenuidade com a qual encara sua realidade. Ele caminha entre os horrores “[...] com a mesma inocência com que antes pedalava na sua bicicleta pelas ruas da cidade de asfalto” (2006, p. 53). O herói-mirim sai da aldeia onde deixara a mãe e os irmãos e vai à frente de batalha, ao lado do pai. Este quando o vê se surpreende e indignado pergunta por que não ficara com a mãe e os irmãos. Sua preocupação dá lugar à fúria, o pai perde a compostura e dá um tabefe nas orelhas de Hussi: “Depois puxou do cinto e foi um festival de pancadaria. O velho bateu, bateu, bateu-lhe tanto! De nada serviu, porque Hussi não se vergou à força destes argumentos” (2006, p. 50). O pai nota que o filho não esmorece em sua decisão, então, afirma desesperado que a guerra não é lugar para criança. Sem esperança, permite que o filho fique, alertando que terá de se portar “[...] como gente grande” (2006, p. 52). Hussi, como menino autêntico, pede-lhe autorização para ir a Batuquinhos ver a bicicleta, que está sozinha e não tem ninguém para brincar. O pai afirma que, na guerra, não se brinca. Ao se portar como adulto, o herói transporta armas e munições para a linha de frente, é pombo-correio, ajudante de cozinheiro, convive durante um ano com a fome e o horror de uma guerra “fratricida”, em que seus opositores: Raio de Sol e Trovão, embora diversos na denominação e forma de enxergar a humanidade – um quer justiça e divisão dos bens; o outro, o poder concentrado sobre si – pertencem à mesma categoria: são irmãos na natureza.

Como se pode notar, Hussi e Zezé caracterizam-se como crianças, o que é comovente para o leitor, pois ambos precisam enfrentar problemas sociais que desconsideram a infância. As peripécias de Hussi e de Zezé, ao desobedecerem ordens, possuem tripla função: divertem o leitor e o saciam, pois Zezé e Hussi realizam por ele e para ele vontades reprimidas, mas, também, o comovem, pois sua sanção é a surra.

Um exemplo dessa forma de violência em “Meu pé de laranja lima” aparece na cena em que Jandira se enfurece com Zezé, pois, distraído na confecção de um balão, ele não atende a seu chamado para o jantar. Como vingança, ela destrói o brinquedo e Zezé a ofende, chamando-a de prostituta. Ela surra o menino sem piedade. Como se não bastasse, Totoca, irmão mais velho, aproxima-se e exige que Zezé

pare com o xingamento, como ele não obedece, esse irmão bate muito em seu rosto, sobretudo na boca. A salvação surge com a chegada de Glória, irmã que sente afeição por Zezé e, sempre, o resgata das pancadarias. Por causa dessas agressões sucessivas, a família o mantém dois dias em casa, sem frequentar a escola, pois “Ninguém queria testemunho de tanta brutalidade” (2013, p. 134).

Zezé nem sequer se recupera dessas surras, decide cantar um tango para alegrar seu abatido pai. Em sua ingenuidade, não atenta para o significado da letra: “Eu quero uma mulher bem nua/Bem nua eu a quero ter...” (2013, p. 135). O efeito é contrário ao esperado, o pai enfurecido espanca o filho com um cinturão e, se não fosse interrompido por Glória, certamente, o mataria. Diante das súplicas dessa filha, manifesta seu arrependimento sob a forma de choro e verbaliza seu descontrole, motivado pela sua baixa estima: “– Eu perdi a cabeça. Pensei que ele estava caçoando de mim” (2013, p. 137). Novamente, Zezé fica prostrado durante uma semana com febre alta, mas ninguém chama o médico, pois “[...] não ficava bem” (2013, p. 137). Nota-se, então, o encobrimento pela família da violência contra a criança.

Em seu confinamento, Zezé sente profundo desânimo e solidão, sobretudo, pela falta de seu amigo português, Valadares. Esse adulto é o único que fornece carinho, diversão e consolo ao menino, pois o valoriza pela sua inteligência e criatividade. Em um processo de maturidade precoce, o menino lhe confia as surras, dizendo que entende a dor de seu pai em não conseguir trabalho, mas desta vez havia sido demais, por isso, decidira matá-lo aos poucos, “[...] deixando de querer bem” (2013, p. 144).

Zezé é o bom “pestinha”, sua inteligência e precocidade na percepção de mundo permitem-lhe alfabetizar-se sozinho aos cinco anos. Ele representa o *alter ego* do escritor, por isto aprecia as letras, indaga os adultos sobre os significados das palavras, demonstra reflexões sobre o emprego de cada uma e verbaliza suas preferências por certos termos. Seu espírito crítico, aliado a um rico imaginário, povoado de heróis de filmes de faroeste, e a certo desencanto com a realidade, levam-no, inclusive, a questionar o livro que recebeu da escola: “A rosa mágica”. Nessa obra, um príncipe escapa dos perigos, graças ao sacudir de uma rosa mágica, obtida como presente de uma fada. Zezé, em seu relato para Xururuca, afirma: “– Esse pessoal vai

contando as coisas e pensa que criança acredita em tudo” (2013, p. 99). Mas, Zezé ao informar que contará a história para Luís, pois “A gente não deve tirar as ilusões de uma criança.” (2013, p. 100), revela-se precocemente desencantado, mas sensível à inocência do irmão.

Hussi mantém-se sua visão idílica sobre as coisas, mesmo diante dos horrores, por isso sente saudades da família, sonha com Porto dos Batuquinhos e as partidas de futebol com os amigos do peito. Para saciar a saudade, isola-se e fecha forte os olhos, pois no escuro consegue estabelecer uma transmissão de pensamentos com a bicicleta e, assim, dialoga com ela, em uma viagem ambígua: para dentro de si mesmo. Ela, por sua vez, salva sua vida, indica-lhe o norte entre os arrozais minados e diz-lhe para mudar de trincheira quando “[...] uma bomba chacinou quase toda a frente leste” (2006, p. 56).

O herói afirma à bicicleta que tem saudades e ambos chegam a brigar quando ela lhe diz para não pensar na fome. A bicicleta fica magoada, pois Hussi, com fome, perde o senso de humor. Ela deduz que “A falta de comida deve transtornar o espírito, [...]” (2006, p. 58). Assim, para fazer as pazes, a bicicleta contemporiza: “– Eu disse para não pensares na fome... não te pedi que deixasses de pensar em comida [...]” (2006, p. 58). Hussi deduz que ela tem razão, então, sonha, de forma modesta e a partir de seu conhecimento de mundo, com “[...] uma barrigada de arroz, um cardume de peixes do rio a compor o repasto. Para sobremesa, uma daquelas mangas gigantes do quintal do brigadeiro Raio de Sol. Tudo acompanhado com um gostoso sumo de tamarindo” (2006, p. 58). Os homens do seu batalhão pensam que o menino está abalado, pois fala sozinho.

## **A modernidade nas obras**

O plano discursivo da obra de Araújo e de Vasconcelos filia-se à modernidade, pois revela o predomínio dos diálogos entre os heróis e as demais personagens. Seus relatos, embora dramáticos, consideram a recepção pelo jovem, por isso a tensão constrói-se de forma gradativa. Na obra de Vasconcelos, na primeira metade da narrativa, prevalecem as travessuras cômicas, embora seguidas de castigos, e a linguagem revela-se, em períodos mais longos, pautada por afetividade e humor, manifestos em metáforas, sinestésias e hipérboles. A intensificação do drama ocorre na segunda parte, em especial, nos capítulos finais. Nota-

se, então, mudança na configuração do discurso que se pauta por frases curtas, desprovidas de recursos estilísticos, marcadas pelas surras memoráveis, pelos sofrimentos e delírios de febre de Zezé, provocados pela constatação de perdas irreparáveis: a morte de Valadares e o corte do pé de laranja lima pela prefeitura.

A narrativa de Araújo inicia-se em um belo domingo, no qual há partida de futebol, o sono tem “mel” e há a expectativa de carne no almoço. A decisão do brigadeiro de enfrentar o ditador deflagra as ações de guerra, nas quais Hussi mergulha na segunda parte da obra. Durante a guerra, os adversários, por meio de um feiticeiro, descobrem que o exército do brigadeiro possui um auxiliar mágico: uma bicicleta. Desse modo, a magia adentra e a crença de homens dos dois lados da guerra. Hussi ouve que prenderam e decapitaram uma bicicleta mágica, tirando-lhe o selim e jogando-o em uma câmara ardente. Ele imagina que seja a sua e entra em desespero. Seus companheiros de batalha, diante disto, empreendem uma arriscada jornada de dois dias – “[...] em que a amizade por Hussi foi mais forte do que todos os perigos” (2006, p. 92-3) – até Porto dos Batuquinhos. Contudo, nem eles e nem o jovem herói a encontram.

Vale destacar que Araújo difere de Vasconcelos na representação da dor, opta pelo humor como forma de contenção das reações do herói diante da notícia da morte da bicicleta: “*Chorou que nem uma madalena*, esperneou que nem peru em véspera de Natal, gemeu que nem uma bananeira” (2006, p. 90, grifos do autor). Consolado pelos amigos de que sem corpo não há funeral e eles estão ganhando a guerra, Hussi deixa de chorar ao sétimo dia: “Não porque a tristeza tivesse evaporado, mas porque, por pudor, as lágrimas começaram a deslizar pelos rios interiores da cara” (2006, p. 94).

Como a narrativa de Araújo é circular, a guerra termina no dia em que o enredo começa: domingo. Trovão vencido pede ao seu feiticeiro que o transforme em mosca tsé-tsé para picar toda gatinha, reafirmando assim seus sentimentos de desprezo para com os que lhe fazem oposição. Dos despojos de guerra, Hussi só tem uma fitinha tricolor que amarra em volta da testa. Como todos louvam sua coragem, determinação e bravura, em especial sua inconsciência de menino que mantém a pureza, acarinham-no e o chamam de Comandante. O narrador afirma que é um menino de sorte “porque

sobrou”, além disso de muita sorte, pois sua família também “sobrou” (2006, p. 101-102).

Em “Meu pé de laranja lima” (2013), Zezé precisa superar a infância, para tanto, no plano alegórico, passa por sofrimentos e se depara com a morte. O seu adentrar na maturidade representa a superação de carências e a percepção de que seu “passarinho interno” não existe, ele, de fato, é fruto de seus pensamentos. Para tanto, ele só pode contar consigo mesmo, com seu aperfeiçoamento individual. O desfecho dramático no texto, que pode levar o leitor às lágrimas, é a percepção de que este amadurecimento ocorre em detrimento do sonho. Zezé, ao lidar com a morte do único amigo que conheceu, capaz de lhe fornecer ternura e esperança, bem como com o corte de Xururuca, extirpa, em seu interior, a visão idílica sobre as coisas. Torna-se, assim, um menino desconfiado e sem ilusões. Há, então, uma mutilação espiritual da personagem que se sente incapaz de realizar suas potências imaginativas.

Já Hussi, ao findar da guerra está feliz, como informa ao pai: “– Agora que a guerra acabou, já comi pão e leite” (2006, p. 104). Embora seus sonhos de criança sejam mantidos, ele terá outras batalhas para realizar seu desejo de regressar à sala de aula quando o ano letivo começar, pois, conforme o narrador informa, embora Hussi ignore, ele terá que “[...] vestir a bata que não tem, pegar nos livros, que não tem, e preparar a merenda, que não tem. E vai partir para a batalha da sua vida” (2006, p. 106).

A potência de negação no texto pressupõe um leitor implícito capaz de deduzir que batalha é essa: a da privação de bens fundamentais. A angústia de Hussi, contudo, reside em outra batalha, “[...] porque seus pensamentos continuam estrangulados pelo desaparecimento da bicicleta” (2006, p. 107). Ele retorna a Porto dos Batuquinhos, a fim de obter pelo menos um parafuso de lembrança da bicicleta ou seu cachecol do Barcelona e, assim, fazer “[...] um funeral digno” (2006, p. 107). Tudo está destruído, mas ele avista o talismã que colocara sobre o local em que enterrara a bicicleta. Diante disto: “Lágrimas de esperança perlaram pela cara abaixo. E desatou a cavar [...]”. Há, nessa busca um jogo próprio da infância, em que a bicicleta o avisa em qual temperatura está Hussi ao procurá-la: frio, morno, “[...] a arder...” (2006, p. 110). Os dedos de Hussi tropeçam no seu tesouro,

descrito, agora, como com: “[...] os raios das rodas a contorcerem-se de alegria.” (2006, p. 111).

O menino pergunta a seu companheiro de aventura por que mudara de lugar. A bicicleta informa que, com fome, saíra para obter óleo. O herói indaga o porquê de não terem conseguido mais conversar, ela afirma que o óleo impediu a transmissão de pensamentos. Eles brigam, pois o menino queria ter sido avisado. A briga termina em troca de mimos, a bicicleta afirma que sempre soubera que ele voltaria, mas Hussi diz que poderia ter morrido de desgosto. Ela diz que ele não poderia morrer, pois prometera voltar. O protagonista responde que, em uma guerra, “[...] nunca se cumprem promessas. Apenas se cruzam destinos [...]” (2006, p. 112).

O narrador fecha a história de Hussi com a personificação da bicicleta, pois relata que ambos tinham uma guerra para pôr em dia, agora, à “[...] luz do dia, olhos nos olhos, sem transmissão de pensamento” (2006, p. 113). Enfim, o herói limpa a bicicleta, amarra no guidão a fitinha tricolor e quando se senta no selim, sua descrição remete aos contos de fadas, pois o menino sente-se novamente “[...] dono do mundo. E os dois pedalaram para a eternidade” (2006, p. 113). Vale destacar a ambiguidade desse final, pois não se trata exatamente do “viveram felizes para sempre”, mas de um encaminhar-se para a eternidade. Fica, então, para o leitor a dedução, se Hussi, de fato, encontrou a bicicleta em Porto dos Batuquinhos e ambos permaneceram “vivos”.

## Conclusões

A atualidade das obras justifica-se pelo hibridismo no plano da linguagem, que mescla níveis de linguagem, pelo humor e pela intertextualidade que estabelece tanto com romances cujos jovens heróis também são traquinas, como “As aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn”, de Mark Twain (1835-1910), quanto com aqueles em que seus protagonistas passam por privações e provações, como “David Copperfield e Oliver Twist”, de Charles Dickens (1812-1870), entre outros.

Vale destacar, entretanto, que a presença do humor na obra de Vasconcelos não atenua o aspecto trágico da infância desconsiderada. Já na obra de Araújo, embora o humor, atenua o efeito trágico, o

discurso do narrador, mesmo que pela negação, põe em relevo a miserabilidade, a qual se define pela privação de bens fundamentais. Desse modo, o discurso dos dois livros assume tom de denúncia. Pela leitura das obras, o jovem entra em contato com uma realidade resultante de injustiças, processo de urbanização, industrialização e má distribuição de renda.

“Meu pé de laranja lima” e “Comandante Hussi”, em suas denúncias das condições de vida das classes desprestigiadas, expõem formas terríveis de miséria e brutalização, por isso atuam como um instrumento de desmascaramento de situações em que prevalecem restrições de direitos e sua negação. Seus textos universalizam-se, pois subvertem, pelo viés da memória, a visão idílica da infância. Desse modo, a obra pode propiciar a seu leitor desejos de mudança social.

No livro de Vasconcelos, seu relato, ao tematizar a infância, organiza a memória do escritor e, pela manifestação desta, permite ao leitor notar que o homem adulto atingiu seu intento de simbolização, renasceu em suas memórias, por meio da criação. No livro de Araújo, o escritor-adulto organiza a experiência e atinge, também, seu intento de simbolização, em que a história de Hussi, embora seja a da privação da infância, cujo símbolo é a bicicleta, causada pela guerra, também, é a da esperança, crença na superioridade da criança que, pela potencialidade imaginativa, nos recorda de uma visão de mundo há tempos perdida: a que pede olhos poéticos.

No livro de Vasconcelos, a infância é uma etapa a ser superada; no de Araújo, a ser desfrutada. Justifica-se, então, que, em “Meu pé de laranja lima”, a árvore seja cortada e, em “Comandante Hussi”, a bicicleta seja reencontrada. Todavia, ambas utilizam-se do imaginário com o fito de desautomatizar as percepções do leitor. Para tanto, defrontam-no com realidades que, resgatadas da memória, constituem histórias que impedem o esquecimento. Pode-se concluir, então, que a eficácia da mensagem política e social de “Meu pé de laranja lima” e de “Comandante Hussi” advém de sua estrutura discursiva e apelativa, ou seja, de seu plano estético, que tanto leva à reflexão sobre direitos humanos, quanto, pela catarse, às lágrimas ou ao riso. Para Candido (1995), são justamente as obras dotadas desse tipo de eficácia que se universalizam e se instalam no inconsciente coletivo, transpondo barreiras geográficas, linguísticas e ideológicas.

## Referências

**ADORO CINEMA.** Disponível em:  
<<http://www.adorocinema.com/filmes/agenda/?week=2013-04-18>>.  
Acesso em: 07 abr. 2015.

ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi.** Ilustração de Pedro Sousa Pereira. São Paulo: Editora 34, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 3. ed. rev. e ampl., 1995. p. 235-263.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX.** 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam.** São Paulo: Contexto, 1999.

**FOLHA UOL.** Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2011/12/1028275-livro-meu-pe-de-laranja-lima-e-adaptado-para-manga-na-coreia.shtml>>. Acesso em: 07 abr. 2015

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa – II.** 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

**UNIVERSO LITERÁRIO.** Disponível em:  
<<https://universoliterario.wordpress.com/2009/10/22/meu-pe-de-laranja-lima/>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu pé de laranja lima**. 65. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

*Recebido em: 04/07/2015*

*Aceito em: 31/07/2015*

